



## **ANIMAIS EM EXPERIMENTOS: UM DISCURSO INOVADOR, NUMA PRÁTICA RETRÓGRADA**

Gabriela Tormes Nunes<sup>1</sup>, Caroline Lima Portela<sup>1</sup>, Jennifer Santos dos Santos<sup>1</sup>,  
Ieda Márcia Donati Linck<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho discute o uso de animais em experimentos, abordando aspectos éticos, científicos e jurídicos, desenvolvido na Disciplina de Produção Textual, no Curso de Medicina Veterinária da Unicruz. Conforme Levai (2016), a prática de utilização de animais para pesquisas iniciou com o racionalismo, pelo filósofo René Descartes. Desde então, esse método continua sendo utilizado pelos cientistas, por instituições de ensino e para fins didáticos dos cursos da área da saúde. Embora esta prática seja legalmente autorizada pela legislação brasileira, por meio do cumprimento de algumas regras, ainda se considera crueldade com os animais e perigosa aos seres humanos (STEFANELLI, 2011). Esse procedimento é muito discutido por grupos antivivisseccionistas e vivisseccionistas, havendo uma contradição: os primeiros alegam ser uma técnica invasiva e traumática ao animal; enquanto os segundos afirmam ser um procedimento necessário à evolução da ciência, seguindo a linha positivista, que apenas o objeto concreto é passível de conhecimento. Na prática, foi constatado que a maioria dos estudiosos duvidam haver outro método fidedigno de conhecimento se não a vivisseccção, porém em alguns países desenvolvidos métodos alternativos já foram implantados, como o uso de cordão umbilical e placenta para técnicas cirúrgicas; sistemas biológicos in vitro para utilização na genética, microbiologia e imunologia. No Brasil, ainda são restritas às Instituições de ensino que implantaram algum método alternativo, como por exemplo a Universidade Federal do Estado de São Paulo, na qual é utilizado ratos de PVC para técnica cirúrgica; e a Universidade de Brasília que utiliza um sistema de simulação computadorizada do sistema nervoso autônomo relacionado com a farmacologia. Desse modo, é inegável que a vivisseccção foi e até pode continuar sendo dito como um método de relevância para a evolução científica, como a elaboração de vacinas, anestésicos e outros fármacos. No entanto, evoluímos e preciso voltar-nos ao bem-estar animal e repensar a utilização deste que, por sorte, atualmente, está em plena discussão também no meio científico. Se houvesse um olhar sensível, com a alta tecnologia desenvolvida, na maioria dos casos, a vivisseccção tornar-se-ia inútil, diante da enorme quantidade de métodos não invasivos que são capazes de produzir resultados mais confiáveis e que não necessitam sacrificar criaturas vivas. Na prática, para que isso se efetive, é preciso a conscientização dos cientistas para desenvolver mais tecnologias com a finalidade de diminuir consideravelmente a utilização de animais em experimentos e substituí-los, particularmente, nos casos em que é preciso submetê-los a processos dolorosos, podendo, dessa forma, evoluir sem agredir (STEFANELLI, 2011). O direito dos animais deve ser respeitado, assim como o desenvolvimento da pesquisa em benefício da humanidade. Respeito, conhecimento e responsabilidade, aliados à ética e bem-estar, devem ser a base ao se planejar um trabalho com animais (MENEZES, 2002 apud MIZIARA et al., 2012). Não há nada que justifique sacrificar animais (não humanos), como queimar suas peles, em busca da fórmula de produtos para rejuvenescer a pele do animal humano.

**Palavras-chave:** Experimentação. Animal. Ética. Humanização.

<sup>1</sup> Discentes do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta – Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: gabrielatormesn@gmail.com, caaroline.lportela@gmail.com, jenni.santos441@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Linguística UFSM e UA/Portugal. Docente da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: imdlinck@gmail.com Doutora em Linguística UFSM e UA/Portugal. Docente da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: imdlinck@gmail.com